

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

Nesta secção, além de extractos de críticas aparecidas em revistas estrangeiras, serão publicadas críticas de livros e outras publicações de Matemática de que os Autores ou Editores enviarem dois exemplares à Redacção

77 — BRAGA, ANTÓNIO GARCIA — Teoria neo-clássica de propagação luminosa, — Vila do Conde, 1948.

O Autor do presente trabalho não se limitou a apresentar uma Teoria da propagação da Luz, mas pretendeu, além disso, ao longo das cento e poucas páginas do seu livro, ilustrar a potência da «Teoria» que imaginou, aplicando-a a variadíssimos domínios da Física.

Não sabemos ao certo qual foi a intenção do Sr. Garcia Braga — que, segundo as suas próprias palavras, «não é um matemático nem um físico» — ao publicar este livro. Do que não podem restar dúvidas é do alto conceito que faz da própria obra. Com efeito é assim que termina o seu prefácio: «Não tem o autor a pretensão de possuir a chave do Universo, mas está convencido de que conseguiu levantar mais um pouco de argamassa das suas pulquérrimas e potentíssimas muralhas». Para tanto confessa ter lançado mão das «armas» forjadas por filósofos e físicos desde Demócrito a Planck, lançando-as «Sob um único comando ao ataque da fortaleza que julga ter sido retardado pela colaboração genial mas puramente abstracta de Lorentz e de Einstein».

Afirmarções como esta são duma extrema gravidade e não consentiremos que o Autor as faça impunemente. Porque na nossa opinião — e também, com toda a certeza, na opinião de quem quer que tenha consciência do que seja uma teoria científica — o «ataque» do Autor foi um desastre burlesco. E tanto que, se estivéssemos certos de que o seu trabalho só seria lido por quem quer que tenha uma ideia clara do que seja hoje trabalhar em física, não lhe fariamos certamente tão longa referência. Mas é o próprio Autor quem afirma — e aqui estamos de acordo! — que «A divulgação científica deve ser levada a todas as classes sociais, porque em todas elas se encontram homens com espírito criador». Ora este facto impõe ao divulgador responsabilidades pesadíssimas, que decorrem da ausência de espírito crítico, que infelizmente se há-de verificar em muitos dos seus leitores. E quando alguém, inconsciente dessas responsabilidades, vem a público com um trabalho mistificador, impõe-se o dever dum esclarecimento categórico.

Nesse sentido, devemos começar por assentar nos pontos seguintes:

1.º — A teoria apresentada neste livro não é uma teoria física;

2.º — As ideias expressas neste trabalho não têm, na sua essência, qualquer aspecto original.

O livro inclui nove capítulos, a que não faremos (por desnecessárias) referências detalhadas.

A chamada «Teoria Neo-Clássica» resume-se numa interpretação qualitativa, puramente retórica, de algumas leis e princípios da Física à base de conceitos metafísicos, entre os quais se destaca o de Eter-Neo-Clássico. O Eter-Neo-Clássico do Autor é

um éter elástico e pesado (!) que reúne propriedades, as mais dispareas, impostas *a posteriori* para «explicar» os vários fenómenos analisados.

Por exemplo, a lei da atracção, de Newton, é estabelecida em primeiro lugar para o caso de esferas mergulhadas num meio de borracha *sui generis* (que entre outras habilidades, obedece às leis dos gases perfeitos) e imediatamente generalizada, sem mais considerações, ao caso de corpos quaisquer mergulhados em Eter-Neo-Clássico.

É claro que um conceito com a elasticidade de propriedades do éter do Sr. Braga «explica» tudo o que se queira. O método é simples. Se se pretende «explicar» em termos de Eter-Neo-Clássico o fenómeno A postula-se simplesmente: o Eter-Neo-Clássico tem estas e aquelas propriedades que explicam o fenómeno A.

Isto não é Física nem é nada, e parece-nos inconcebível que alguém possa, em 1948, dar-se por satisfeito com semelhante técnica.

Todo o trabalho do Sr. Garcia Braga se reduz a um esforço incompreensível e inconsequente de compatibilização de velhos conceitos com algumas ideias de segunda plana da Física de hoje.

Atreve-se a classificar de «físicamente ilógicos», «metafísicos», «matematicamente discutíveis», etc., os luminosos fundamentos e os métodos da Teoria da Relatividade. No entanto, não hesita em enunciar o seguinte «axioma» da sua Relatividade Neo-Clássica: «Um observador que se julga em repouso está realmente animado de movimento uniforme ao longo do sentido convencional positivo do eixo dos tempos com velocidade $dt/dt = \text{constante} = 1$ ». E acrescenta: «O valor desta velocidade é, claramente, não um valor com significado físico mas um valor com significado metafísico. O valor dt do numerador representará a variação da quarta dimensão convencional do espaço e o valor dt do denominador representa a variação do tempo tal como o concebemos no terra-à-terra dos nossos simples espíritos».

E também não hesita em concluir o seu livro enunciando aquilo a que chama a «Lei Universal»: «Quando no espaço universal constituído por Eter-Neo-Clássico, se exercem acções perturbadoras, formam-se forças tendentes a anular ou a reduzir ao mínimo os efeitos das causas perturbadoras».

Serão estes os «métodos lógicos positivos» de que faz alarde o Autor?

A sua ignorância dos princípios e métodos da Física clássica e moderna transparece em cada página. Só para citar alguns exemplos:

— Afirma que, segundo a teoria electro-magnética de Maxwell, «por um ponto onde passa energia luminosa passa então alternadamente uma massa eléctrica positiva e uma massa eléctrica negativa»; diz que «a Teoria da Relatividade» não só não consegue explicar o efeito Doppler—Fizeau como, ao contrário, impõe a sua negação;»

